

JEANNE LOUISE MILDE: noventa anos de historia

As comemorações do 90º aniversário da artista e professora Jeanne Louise Milde, aqui e agora, criaram um momento especial para o resgate e rejuvenescimento de sua memória histórica.

A convite de Antonio Carlos de Andrada - Governador de Minas naquela época - Milde integrou o grupo de educadores europeus que constituíram a histórica "Missão Pedagógica Européia". Eles chegaram a Belo Horizonte em fevereiro de 1929. Parte-se do pressuposto de que se iniciava no processo educacional brasileiro, de modo crítico, o confronto entre tradição e modernidade. Nesse sentido, a "Missão Pedagógica Européia" foi o traço cosmopolita, não só no cotidiano da capital de Minas, mas também na história cultural do País em relação aos princípios dogmáticos do nacionalismo político em vigência.

Percebe-se que, às vésperas da Revolução de 30, as elites mineiras viviam as contradições do poder oligárquico conservador. Havia a consciência da superação desse modelo político, em nível nacional, e o desejo de modernização do Estado. Entretanto, de modo ambíguo, prezavam as idéias liberais mas articulavam-se com a política do Estado autoritário. Assim, aspiravam à ruptura com o "ancien-regime" mas afastavam-se do ideário revolucionário das reformas sociais.

Nessa ambiência de confrontos e relações contraditórias esperava-se encontrar na educação o pro-

jeto de salvação nacional. Nesse sentido há consciência da realidade: percebe-se o caos político e busca-se a dimensão crítica, histórica.

A interpretação retrospectiva da "Missão Pedagógica Européia" pressupõe que o Movimento Modernista em Minas entrelaça-se ao pensamento da Modernidade. Observa-se, de modo significativo, no projeto de modernização da escola pública mineira como um todo, sob a coordenação do Secretário de Estado, Francisco Campos, a idealização da Universidade do Trabalho de Minas Gerais. Para assessorar a implementação dessa Instituição convidou-se o Prof. Omer Buyse, Reitor da Universidade do Trabalho de Charleroy, na Bélgica. No bojo dessa Universidade situava-se um subprojeto que previa a criação de uma Escola de Artes. A escultora Jeanne Louise Milde caberia a direção dessa casa de arte e ensino. Entretanto, com a Revolução de 30, são interrompidas essas negociações. Desfaz-se a Missão. Permanecem no Brasil, entretanto, duas professoras desse grupo: Jeanne Milde e Helena Antipoff.

Sabe-se muito pouco sobre esse projeto da criação da Universidade do Trabalho em Minas, e muito menos ainda sobre a Escola de Artes, embutida nesse contexto histórico. Todavia, evidenciam-se as idéias sociais, revolucionárias, que se localizam no pano de fundo do processo de criação dessas duas instituições. Transparecem, pois, nessas leituras, as

idéias da inserção da experiência estética na praxis de produção econômica da vida social.

Renato ORTIZ(1988) pressupõe que o progresso construído pelas forças conservadoras - ávidas pelas novidades da vanguarda internacional - foi tecido "sobre fantasias e sonhos de modernidade... mas que pode ser lido como aspiração, desejo de modernidade. Assim, no início do século, a necessidade de se superar a defasagem social, cultural, econômica, histórica "estimulou uma dualidade da razão que privilegia o pólo da modernização. Historicamente, esta forma de equacionar os problemas desempenhou no passado um papel progressista".

Nesse contexto, observa-se que na década de 20 cresceu entre as elites a idéia da formação de mão-de-obra especializada, em relação a possíveis demandas do setor produtivo industrial. Houve grandes expectativas sobre a implementação de cursos profissionalizantes no sistema de ensino, em níveis de 1º e 2º Graus. Assim, a criação de uma Universidade do Trabalho provocou um significativo dissenso em relação ao pensamento social das elites liberais, tendo em vista o ideário das reformas sociais embutido nesse projeto. As elites conservadoras e liberais, oligárquicas, não desejavam, naquele momento, a formação de profissionais com ampla visão crítica da realidade social do País. Nesse sentido, SCHWARTZMAN et alii (1984), em seu livro sobre Campana, analisa alguns aspectos desse problema, tendo em vista o projeto da criação dessa Universidade em Minas, na década de 20.

Desde o século XIX, abriram-se amplos debates sobre a autonomia da arte em relação aos princípios mecanicistas do progresso racionalista - científico e técnico-industrial. Para Charles Baudelaire "a poesia e o progresso são dois ambiciosos que se odeiam de um ódio instintivo; quando eles se encontram num mesmo caminho é preciso que um dê passagem ao outro". Baudelaire, ainda no século XIX, percebe essas duas realidades como elementos inconciliáveis, excludentes. Contraditoriamente ele preza as conquistas trazidas pela sociedade industrial mas, ao fazê-lo, percebe na própria sociedade que gera essa nova ordem a presença da catástrofe. Por isso seu Modernismo, por ser herdeiro da modernidade, adquire uma dimensão crítica. (ORTIZ, 1988)

Milde vivencia, na Europa, nas décadas iniciais deste século, grandes transformações no pensamento político-social. Nessas mudanças, a autonomia da arte, no sentido Kantiano, torna-se objeto de reflexões e ações revolucionárias de rupturas históricas. Condenam-se as idéias românticas da "arte-pela-arte" e procura-se objetivar-lhe finalidade e função sociais definidas, na sociedade moderna. Deseja-se reduzir as distâncias entre arte e trabalho; arte e vida; forma e função; arte e indústria; artista e artesão; arte popular e arte de elite. Pressupõe-se que essas realidades não se excluem, mas tornam-se pólos dialéticos do processo-signo de linguagem artística. Essas idéias criaram espaços e aberturas para a entrada da arte na educação, no cotidiano das escolas.

A Bauhaus foi a primeira instituição educacional que estruturou o processo de ensino e aprendizagem nas redes complexas dos princípios da linguagem sígnica das formas. Para Walter Gropius, o fundador da Bauhaus, o século XIX parece ter esquecido a importância do artista para a ordenação da realidade. "Ao contrário do processo de mecanização, o trabalho do artista, em sua busca despreconcebida, consiste em encontrar a expressão simbólica formal para os fenômenos da vida. Para tanto, precisa da visão ousada e firme do homem livre... qualquer pessoa que tenha passado por uma praxis educacional em que a preocupação de plasmar o mundo-ambiente fosse tida por um dever importante, constituirá um solo fecundo para estímulos ulteriores no mesmo sentido". (GROPIUS, 1972)

Todas as evidências mostram as analogias que se estabelecem entre esse projeto da Escola de Artes que deveria ter sido criada em Minas - no interior de uma Universidade do Trabalho - e os pressupostos da criação da Bauhaus.

Milde nasceu em Bruxelas, em 16 de julho de 1900. Cursou a Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, especializando-se em escultura. Encontrava-se em plena ascensão de sua carreira no momento de sua vinda para o Brasil. Havia conquistado, nos últimos tempos que passou em Bruxelas, os dois maiores prêmios conferidos pelo Governo da Bélgica aos artistas jovens do País: Godecharle, em 1926 e o "Prix de Rome" em 1927.

Embora tenha fracassado o projeto da criação da Universidade do Trabalho e da Escola de Artes, no governo de Antonio Carlos a artista-professora, Jeanne Milde, conquistou espaço significativo na cultura artística de Minas. Tornou-se professora de Modelagem e Desenho na Escola de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação, ainda na pré-história dos Cursos de Pedagogia no País, e na Escola Normal Oficial.

Reconheceu-se o trabalho de Milde não só na Educação, mas também nas atividades artístico-sociais e culturais da arte em Minas. Ela tornou-se presença obrigatória, legitimadora, dos Salões e Exposições de arte da Capital. Segundo o Prof. José Carlos Lisboa, "ela era uma das poucas pessoas, naquela época, que não só possuía sólido conhecimento de História da Arte, como também, visão crítica em relação às mudanças nos movimentos de vanguarda no mundo". (LISBOA, 1982)

Milde tornou-se membro efetivo do corpo de jurados dos Salões da Prefeitura desde sua origem, no "Salão do Bar Brasil", em 1936, até início da década de 50. Ela realizou exposições individuais na cidade e abriu espaços mercadológicos expressivos à escultura entre os tradicionais colecionadores de pintura a óleo, em Minas. Milde exerceu profunda influência na transformação do gosto entre os colecionadores, na passagem do academismo para o modernismo, em Belo Horizonte.

Milde participou também de movimentos de conscientização política da classe - os artistas locais - até então marginalizados sociais. Assumiu forte lide-

JEANNE LOUISE MILDE



FORÇA e Forma. Catálogo da Exposição de
Jeanne Louse Milde. 1984.

rança tendo em vista a formação de grupos, nos quais nasceu a idéia de se realizar "o Salão do Bar Brasil" - primeiro movimento modernista coletivo, na Capital.

Neste momento, agora, há um forte movimento de recuperação da memória de Milde, liderado pela direção do Museu de Arte de Belo Horizonte, sob a supervisão da Secretaria Municipal de Cultura. Pretendeu-se dar realce à ausência de pesquisa sistematizada sobre a obra e experiência artística de Milde, na história de Belo Horizonte, como estratégia de motivação e desafio aos pesquisadores. Pois a rica experiência vivida por Milde, no Brasil e na Europa, abre espaço à abordagem interdisciplinar de pesquisa sistematizada.

Milde trabalhou não só no Instituto de Educação mas também na Fazenda do Rosário, com Helena Antipoff, em cursos regulares e de extensão, durante o ano letivo e em períodos de férias.

Manteve aberto à comunidade, desde a sua chegada a Belo Horizonte, seu ateliê de escultura à Rua da Bahia, no Grande Hotel, hoje Edifício Maleta. Milde trouxe para as escolas, no processo arte-educação, não só atividades plásticas, mas também o teatro de bonecos. Trabalhou ainda na Escola da Polícia Militar, na Capital, com uma equipe heterogênea de profissionais, sobressaindo-se, dentre outros, juristas, médicos, psicanalistas, psicólogos. Presupõem-se nesse projeto indagações relacionadas à teoria lombrosiana, conforme entrevista de Milde à autora deste texto.

Na Europa, Milde exerceu atividades artísticas, profissionais, tanto na Real Academia de Belas Artes em Bruxelas, quanto na fábrica de manequins para a indústria de modas "Reppert", e em seu ateliê particular de artes. Realizou inúmeras exposições em Bruxelas. Antes de vir para o Brasil, Milde esteve em Paris, em viagem de estudos.

Ao ensejo dessas comemorações do 90 aniversário de Milde, busca-se o passado inscrito nas linhas do atual porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior não realizada.

Ivone Luzia Vieira
Profa. do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - FaE/UFMG

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Cultura. Catálogo da exposição "Jeanne Milde e Zina Aita": 90 anos. Belo Horizonte, 1990.
- MUSEU de Arte da Pampulha. **Catálogo do 14 Salão Nacional de Arte.** Belo Horizonte, 1982.
- FORÇA e Forma. **Catálogo da Exposição de Jeanne Louse Milde.** Belo Horizonte: Museu Mineiro, 1984.
- GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Nova arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ORTIZ, Renato. **A Moderna tradição Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SCHWARTZMAN, Simon et alii. **Tempos de Capa-nema.** São Paulo: Paz e Terra, 1984.